

Todas as razões para fazer
uma revolução estão aí, mas
os corpos estão diante das telas

*All the reasons for making a
revolution are there, but
the bodies are in front of screens*

Resumo

Neste artigo, proponho uma reflexão filosófica sobre a atual situação de pandemia e confinamento, utilizando como gatilho alguns dos textos publicados pelo filósofo Paul B. Preciado durante o período. Apesar de discordar de algumas de suas formulações, defendo que ele adota um discurso performativo como estratégia política e desenvolvo suas provocações a partir de dois elementos centrais: a possibilidade de burlar o Estado de vigilância e a capacidade de imaginar coletivamente uma alternativa revolucionária.

Palavras-chave: pandemia; confinamento; vírus; capitalismo; vigilância; América Latina

Abstract

In this paper, I propose a philosophical approach on the current situation of pandemic and confinement, using as a trigger some of the texts published by the philosopher Paul B. Preciado during the period. Despite disagreeing with some of his formulations, I argue that he adopts a performative discourse as a political strategy, and I develop his provocations about two central issues: the possibility of circumventing the state of surveillance and the ability to collectively imagine a revolutionary alternative.

Keywords: pandemic; confinement; virus; capitalism; surveillance; Latin America

* Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Contato: deborapazetto@gmail.com

Recebido em: 04/06/2020 Aceito em: 16/07/2020

O que uma/um filósofa/o latino-americana/o pode fazer atualmente? Essa é uma pergunta que me acompanha há alguns anos, diante da crescente desvalorização da área na esfera da educação, da falta de investimento, prestígio social e dignidade trabalhista, da nossa dificuldade de comunicação com as camadas mais amplas da população, da dinâmica colonial que nos transforma em comentaristas ou cópias imperfeitas de autores do norte global, entre outros fatores. Nesse momento, é preciso especificar um pouco mais a pergunta: o que uma/um filósofa/o latino-americana/o pode fazer durante uma situação de pandemia e confinamento no contexto do desastre ambiental, político e econômico promovido pelo governo Bolsonaro/Guedes? Ler com avidez todos os textos filosóficos que têm sido publicados sobre o vírus? Fazer análises críticas e postagens indignadas nas redes sociais? Tornar-se youtuber e disputar esse espaço de formação de subjetividades dominado pela direita? Aceitar a crise existencial de cada dia, equilibrando-se para não aumentar os índices crescentes de transtorno de ansiedade, pânico e depressão? Batalhar no campo institucional contra os cortes de verba nas universidades, em especial nas áreas de humanidades, agora justificados em nome da pandemia? Descer do pedestal acadêmico para aprender a plantar, costurar máscaras, fazer pães ou bombas? Abandonar o currículo lattes para distribuir cestas básicas ou engrossar as fileiras dos movimentos sociais de base popular? Procurar manter alguma normalidade nas atividades de pesquisa, extensão e ensino por meio de plataformas virtuais? Escrever um artigo que comenta a obra de um filósofo europeu?

Em dois meses de isolamento, cogitei ou coloquei em prática todas essas opções, com exceção da última. Portanto, preciso advertir de antemão que este não é um artigo que comenta a obra de Paul B. Preciado. Por mais que eu aprecie seus livros, bem como seu ativismo transfeminista e seu envolvimento no mundo das artes, não pretendo reconstruir os argumentos sobre o caráter tecnológico da sexualidade do *Manifesto Contrassexual*, tampouco a complexa relação entre as indústrias farmacêutica e pornográfica com a formação da subjetividade contemporânea de *Pornotopia* ou *Testo Junkie*. Esses livros de alta densidade conceitual, experimentalismo autobiográfico e retórica sedutora são, sem dúvida, importantes para aprofundar algumas questões que eu gostaria de levantar aqui. Contudo, minha pretensão limita-se a refletir filosoficamente sobre a situação atual, utilizando como gatilho alguns dos textos publicados pelo filósofo durante a pandemia. Escrever sobre uma crise durante a crise – sobretudo uma crise que abala nossas percepções de

tempo, espaço e afeto, bagunça nossas expectativas de futuro e solapa nossas convicções mais arraigadas – é aceitar o risco de ser superficial, imatura ou simplesmente equivocada: um risco excessivamente temido e, no entanto, vital para o debate filosófico.

Também existe o risco, este mais narcisista e indelicado – e talvez mais comum entre pensadores europeus já canônicos –, de utilizar apressadamente uma catástrofe tão singular para confirmar teses filosóficas formuladas anteriormente. Ainda, o risco de ser precipitadamente otimista, postulando a epidemia como resgate de uma consciência solidária e comunitarista que marcaria o fim do neoliberalismo, sem atentar-se para a materialidade da conjuntura política. Ou então precipitadamente pessimista, atentando-se apenas para as medidas de austeridade, proteção de bancos, nacionalismo fascista e vigilância biodigital que estão de fato sendo ampliadas, sem vislumbrar as possíveis frestas de resistência. É por conseguirem se equilibrar precariamente entre tantos riscos que os artigos publicados por Preciado durante a quarentena, sobretudo os mais conceituais, revelam sua importância para a discussão filosófica do presente. Refiro-me, em especial, a “Aprendendo com o vírus” e “Estávamos prestes a fazer a revolução feminista... e então o vírus chegou”¹.

Naturalmente, muitos textos quarenteneiros têm retomado o legado foucaultiano para discutir a nova “peste”. As relações são óbvias: a produção de corpos obedientes e suas respectivas subjetividades autovigilantes, o confinamento como a mais nova anatomia somatopolítica, a arquitetura disciplinar do encarceramento, quadriculamento, organização celular e funcional, a docilização dos corpos teletrabalhadores, o controle biopolítico das populações, e assim por diante. Em “Aprendendo com o vírus”, Preciado retoma algumas dessas concepções, bem como as contribuições de Roberto Esposito, que vincula a biopolítica com o desenvolvimento imunitário das sociedades. Se a *communitas* é um conjunto de pessoas ligadas por obrigações recíprocas, a *immunitas* é sua antítese, uma proteção negativa que ergue fronteiras contra contaminações internas e externas. Assim, as sociedades modernas/coloniais operam, nos parâmetros de sua “normalidade”, por meio de uma imunização contra corpos que são pré-fabricados enquanto ameaças à sua soberania: migrantes, homossexuais, prostitutas, refugiados. O que a situação pandêmica traz de novidade, de acordo com o autor, é a permissão para intensificar e

1 Os artigos foram publicados originalmente como: Preciado, P. B, “Aprendiendo del vírus”, *El País*, 28 de Março de 2020; Preciado, P. B “Nous étions sur le point de faire la révolution féministe... et puis le virus est arrivé”, *Bulb#2*, 26 de Abril de 2020. Traduzi tanto os títulos quanto os trechos citados ao longo deste artigo.

estender a toda população essas medidas de imunização, isto é, as formas de gestão necro-biopolíticas que já eram aplicadas aos corpos excluídos: “se reproduzem agora, sobre os corpos individuais, as políticas de fronteira e as medidas estritas de confinamento e imobilização que, enquanto comunidade, temos aplicado a migrantes e refugiados nos últimos anos”².

Nesse ponto, é preciso corrigi-lo: não é possível comparar os centros de retenção de refugiados com o confinamento domiciliar dos europeus de classe média. Esse tipo de equívoco, aliás, é repetido em “Estávamos prestes a fazer a revolução feminista... e então o vírus chegou”. É preciso corrigi-lo: não é verdade que a Covid-19 coloca os corpos brancos masculinos e heterossexuais de Nova York ou das classes mais ricas na situação em que sempre estiveram os corpos racializados, feminizados, refugiados, pobres e colonizados. A morte e a possibilidade de adoecer sempre existiram para todos. Isso não basta para afirmar que o vírus leva ao compartilhamento global das “experiências de desapropriação, opressão e morte geradas pelo capitalismo”³. No Brasil, a desigualdade com que a doença afeta os desiguais é evidente demais para sustentarmos esse romantismo: as condições de moradia nas periferias não permitem nem o isolamento, nem as medidas de higiene recomendadas – falta água, falta sabão –; apesar de brancos serem mais infectados no país, a letalidade é superior na população negra e indígena; algumas comunidades periféricas do Rio de Janeiro somam mais mortes do que 15 estados brasileiros; enquanto isso, com o colapso das redes pública e privada de hospitais, pacientes ricos têm utilizado UTIs aéreas que chegam a custar R\$ 80 mil e, com as mortes diárias crescendo exponencialmente, empresários comemoram publicamente o sucesso do Brasil no controle do vírus porque o pico da doença nas classes altas já passou. Tudo isso sem mencionar o grande aumento da desigualdade econômica e os posicionamentos vergonhosos do presidente da república⁴.

2 Preciado, P. B. “Aprendiendo del virus”, *El País*, 28 de Março de 2020, s.p.

3 Preciado, P. B. “Nous étions sur le point de faire la révolution féministe... et puis le virus est arrivé”, *Bulb#2*, 26 de Abril de 2020, s.p.

4 Nesse sentido, também é preciso corrigir a afirmação do autor de que os países adotaram dois tipos de estratégia frente à epidemia: o confinamento disciplinar europeu e a biovigilância farmacopornográfica oriental. No Brasil neocolonizado, somos submetidas a uma terceira opção abertamente necropolítica: o governo é contrário ao confinamento para não prejudicar a economia, deixando o vírus matar livremente, sobretudo “cidadãos indesejáveis” como idosos e pobres. Os dados mencionados no parágrafo estão disponíveis em <<https://painel.vozdascomunidades.com.br/>> e <<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/21/2020-05-19---BEE16---Boletim-do-COE-13h.pdf>>. Acesso em 25/05/2020.

Acredito, no entanto, com base em outras passagens e outros textos, que Preciado reconhece o abismo que separa as modalidades de confinamento em termos de gênero – entra nessa conta o aumento da violência doméstica contra mulheres – raça, sexualidade, região e classe. Nesse sentido, entendo como um argumento performativo sua afirmação de que a pandemia estende as experiências opressoras do capitalismo a toda população: não é uma descrição de fatos, mas uma tentativa de criar a realidade que enuncia, isto é, criar a consciência generalizada de que estamos todas/os no mesmo barco furado, com um vírus letal a bordo, em meio a um oceano de catástrofes ambientais e econômicas, e que em breve não haverá esqueletos apenas no porão, mas também na área vip. Apenas se essa consciência puder se alastrar transversalmente, contaminando pessoas de todas as classes, gêneros, raças, etnias, territórios, gerações e sexualidades, será possível vislumbrar uma aliança de desejos e lutas capaz de provocar alguma mudança no *status quo*.

Percebo a mesma modalidade de discurso performativo em sua afirmação de que estávamos prestes a iniciar uma revolução transfeminista decolonial, que teria sido interrompida pelo vírus⁵. Anunciar uma revolução com base nas manifestações de 8 de março e no aumento de denúncias de abuso sexual e racismo institucional no cinema seria ingênuo demais. Não ignoro que o século XXI reativou pautas associadas à opressão de grupos específicos – chamadas de identitárias, com certo desprezo e compreensão rasa, até mesmo por segmentos da esquerda – e um levante de movimentos feministas, antirracistas, transexuais, lésbicos, intersexuais, de pessoas com diversidade cognitiva ou funcional. Contudo, é exagero dizer que estávamos à beira de uma revolução, interrompida pela pandemia. No Brasil, esses levantes – que ainda estavam longe de uma organização popular transversal capaz de estremer o neoliberalismo colonial – foram interrompidos bem antes, quando tivemos que retroceder de avanços significativos para voltar a lutar contra a aniquilação de direitos trabalhistas básicos, contra o aparelhamento das instituições democráticas que nunca foram muito democráticas, contra a alteração da constituição para limitar gastos públicos por 20 anos, contra projetos de lei que pretendem proibir o aborto até mesmo em caso de estupro, contra a censura nas artes e na educação, contra a ascensão do discurso neofascista, contra a eleição de um governo miliciano, misógino, homofóbico, racista e de vocação genocida. É preciso encarar que fomos sistematicamente derrotadas/

5 Preciado, P. B. “Nous étions sur le point de faire la révolution féministe... et puis le virus est arrivé”, *Bulb#2*, 26 de Abril de 2020.

os em todas essas frentes e que não foi o vírus, mas um golpe colonial-empresarial-midiático-jurídico que interrompeu uma agenda ativista que poderia, com muito esforço, ter-se tornado revolucionária. Preciado, certamente, não desconhece a expansão mundial do modelo autoritário neonacionalista heteropatriarcal. A afirmação grandiloquente que intitula seu artigo não é uma análise de conjuntura, é um sonho, isto é, a construção de uma narrativa ainda utópica. É essa estratégia que eu gostaria de discutir.

“Aprendendo com o vírus” traz uma conclusão imprevista, com a eloquência revolucionária arrebatadora e pouco realista que é, no entanto, indispensável para dar início a revoluções mais realistas. É preciso aproveitar a quarentena para iniciar um processo de desalienação, argumenta o autor, que começa por compreender que a convocação governamental ao confinamento e ao teletrabalho camufla a imposição da descoletivização e do telecontrole. Portanto, “vamos desligar os celulares, desconectar a internet. Vamos fazer o grande blackout diante dos satélites que nos vigiam e imaginar juntos a revolução que vem”⁶. É fácil se deixar contagiar por esse ímpeto rebelde e ignorar as condições materiais para efetivar tal situação enquanto continuamos postando nossos stories no Instagram ou – como faz o próprio Preciado, em notória contradição performativa – escrevendo nossos artigos para jornais e revistas online. Como argumenta admiravelmente a filósofa argentina Luciana Cadahia, a radicalidade dessa proposta revela uma declaração de sua própria impotência: “Preciado sabe que isso não vai acontecer. Nós sabemos que isso não vai acontecer”⁷. Embora discorde de seu diagnóstico de que Preciado oferece uma percepção minguada das práticas emancipatórias e de resistência – Cadahia parece construir e atacar um espantalho de Preciado para salvar Foucault de uma suposta compreensão simplista –, concordo com seu apontamento de que o autor apresenta um slogan genérico, sem lastro material nas práticas existentes.

Sim, Preciado sabe que isso não vai acontecer. Não agora. Contudo, será que sua convocação ao blackout revela um esgotamento do pensamento crítico, contraproducente para pensar lutas reais e práticas efetivas? Ou, novamente, uma forma de discurso performativo que tem na mira a ativação das nossas imaginações, dos nossos desejos de transformação social e da nossa

6 Preciado, P. B. “Aprendiendo del vírus”, *El País*, 28 de Março de 2020, s. p.

7 Cadahia, L. e Cano, Germán. “El blackout de la crítica”, *Instituto de Estudios Culturales y Cambio Social*, Abril de 2020, s. p.

potência de agir? Aposto na segunda opção. E ratifico sua efetividade na medida em que minha própria imaginação/desejo/potência é ativada. O que aconteceria se desligássemos nossos celulares? Que conexões emergiriam se abandonássemos as redes sociais? Que forças nasceriam das cinzas das nossas postagens indignadas?

“Todas as razões para fazer uma revolução estão aí. Não falta nenhuma” – a devastação do campo político, as fake news, os deep fakes, o neofascismo, a misoginia, a descrença no governo, o racismo estrutural, a financeirização da economia, a polícia militarizada, a neocolonização, o abismo incomensurável entre bilionários e miseráveis, o encarceramento em massa, o apocalipse ecológico, o descaramento do ministro do Meio Ambiente aproveitando para passar a boiada, isto é, as reformas infralegais de desregulamentação ambiental, enquanto a imprensa está focada na pandemia – “De nada somos poupados, nem mesmo de estar informados sobre isso. [...] Todas as razões estão reunidas, mas não são as razões que fazem as revoluções, são os corpos. E os corpos estão diante das telas”, alerta o Comitê Invisível⁸.

É preciso tentar levar a sério a provocação de Preciado. Na pior das hipóteses, enquanto convite ao sonho. Na melhor, enquanto planejamento para criar as condições materiais que o tornariam efetivo e não apenas um slogan genérico. Há dois elementos centrais em questão: a possibilidade de burlar o Estado de vigilância (blackout diante dos satélites que nos vigiam) e a capacidade de imaginar coletivamente (a revolução que vem). Começemos pelo primeiro.

Sabemos que a maior parte do progresso nas tecnologias relacionadas à internet, como redes neurais, Big Data, mecanismos de processamento automático de dados e Inteligências Artificiais, é impulsionada por investimentos bilionários na vigilância em massa. Não é mais segredo que todas as informações, imagens e interações de usuárias/os da internet são coletadas, monitoradas, armazenadas e categorizadas em perfis por empresas como Google, Apple, Facebook e Amazon (o reino de GAFA): “hoje isso é feito por todo mundo e por praticamente todos os Estados, em consequência da comercialização da vigilância em massa”⁹. Também não é segredo que esses dados são monitorados por órgãos de inteligência dos governos – não apenas no Oriente! – como parte das táticas militares de controle social e geopolítico. Tampouco é segredo que, em tempos de pós-verdade e pseudodemocracia,

8 Comitê Invisível. *Motim e destituição agora*. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p.1.

9 Assange, J. et al. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 36.

as estratégias de espionagem e perfilização têm determinado o resultado de várias eleições. Atualmente, quase não há mais frestas ao gerenciamento cibernético do mundo: corporações transnacionais, Estados, instituições de educação, cultura e arte, agroindústria, sistemas de satélite, exércitos, eleições, pornografia, centros financeiros, propriedades pública e privada, zonas de processamento de exportação e livre comércio, indústria farmacêutica, divisão internacional do trabalho, reprodução sexual, hiperconsumo – são nós em uma grande rede biovigilante feita de cabos, corpos e algoritmos.

GAFAs promete conectar o mundo inteiro, avisava o Comitê Invisível antes do confinamento, mas o que faz “é trabalhar para o isolamento real de cada um. É imobilizar os corpos. É manter cada um recluso em sua bolha significativa”¹⁰. É evidente que não há revoluções por Facebook, Instagram e WhatsApp. Nesses espaços, qualquer iniciativa capaz de realmente ameaçar o tecnocapitalismo será cooptada ou detida. Por outro lado, como já argumentava Donna Haraway em 1985, a criação de ligações entre as pessoas que estão tentando resistir à intensificação mundial da dominação não deve ser feita pela negação ingênua da tecnologia, mas por sua assimilação subversiva¹¹. Se somos ciborgues – corpos-avatars acoplados em dispositivos rastreáveis –, é preciso sê-lo taticamente. Não se trata de se deslumbrar com implantes e celulares, nem de desligar a internet e abrir mão de exercer influência, mas de entrar na disputa pelo tipo de mundo e pelo tipo de sujeito que tem sido tecnologicamente construído. Do contrário, seremos apenas vítimas. Pois bem, como fazer isso? Primeiramente, por meio de uma propriedade física que permite a um indivíduo ou grupo codificar informações de modo tão seguro que nem as maiores potências militares do planeta serão capazes de decifrá-las: “é mais fácil criptografar informações do que descriptografá-las”¹². A comunicação criptografada pode criar redes e regiões livres da interceptação em massa, que serão os únicos territórios virtuais – os únicos territórios, durante este e talvez futuros confinamentos – onde pode existir planejamento revolucionário consistente. Penso que um apelo ao blackout da vigilância deve ser articulado dessa maneira: criptografia, software livre, provedores descentralizados, ferramentas de comunicação não rastreáveis.

10 Comitê Invisível, *op.cit.*, p.1.

11 Haraway, D. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

12 Assange, J. et al, *op.cit.*, p. 23.

O segundo elemento da provocação lançada por Preciado diz respeito à nossa capacidade de imaginar coletivamente uma revolução. Teríamos perdido essa disposição, na medida em que a fabricação da imaginação, da linguagem e das coletividades ocorre em moldes docilizadores e individualistas? “Os corpos estão diante das telas”. Oferecemos nossos dados voluntariamente. Preenchemos nossa solidão com avatares. Satisfazemos nosso narcisismo com likes. Aceitamos passivamente nossas vidas vazias e ansiosas. Como disse um xamã yanomami, os brancos “quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias”¹³. É um retrato cruel e veraz. O que ele revela, por fim, é que o território mais pantanoso conquistado pelo tecnocapitalismo é o nosso desejo. Não apenas o país, mas os corpos foram e são sistematicamente colonizados. Com isso, estamos perdendo a capacidade de imaginar que as coisas podem ser diferentes; de desejar outras formas de existência e coexistência; de construir projetos viáveis de sociedade; de acreditar na potência da ação política coletiva.

Preciado menciona o xamanismo tupi, tal como descrito por Viveiros de Castro, enquanto inspiração ritualística de como “parar o mundo” por meio da conscientização da nossa mortalidade interconectada de forma não antropocêntrica, que culminaria em uma metamorfose das subjetividades¹⁴. Com efeito, estamos vivendo um momento em que precisamos escutar os povos ou grupos que têm resistido bravamente nas margens do planeta. Precisamos aprender com as práticas de resiliência e luta dos povos da floresta, dos caiçaras, dos quilombolas, dos movimentos populares nas ocupações urbanas, das feministas comunitárias de Abya Yala, dos zapatistas. Uma das primeiras coisas que nos ensinam é que precisamos alimentar “um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho”¹⁵. Sonhar, como dizia Lenin, confrontando o sonho com a vida real para realizá-lo meticulosamente. Sonhar, como diz Krenak, implica escutar, sentir, cheirar, inspirar e expirar. Sonhar, enfim, como método coletivo para disputar teórica e politicamente

13 Kopenawa, D; Albert, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Cia das Letras, 2015, p. 436.

14 Preciado, P. B. “Nous étions sur le point de faire la révolution féministe... et puis le virus est arrivé”, *Bulb#2*, 26 de Abril de 2020.

15 Krenak, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019, p. 65.

pelos territórios materiais e simbólicos da imaginação e da produção de mundo. A ampla recuperação dessa potência é necessária para criar uma aliança de lutas, das mais antigas às mais novas, que combata transversalmente as várias formas de opressão – ambiental, tecnológica, epistemológica, estética, de raça, classe, sexo, deficiência, geração, território, religião e espécie – e possa desencadear uma alternativa tangível.

Não é verdade que estávamos prestes a fazer uma revolução transfeminista decolonial antes do vírus, mas é possível que estejamos um pouco mais preparadas/os quando a pandemia abrandar. Para isso, precisamos começar a nos co-mover agora. Enquanto escrevo essas linhas finais, uma delegacia é incendiada em Minneapolis em meio a protestos contra o assassinato de George Floyd – como Amarildo, Marielle, Marcos Vinícius, João Pedro e milhares de jovens negros – pela polícia racista. “Todas as razões para fazer uma revolução estão aí”. Os conflitos estão se incendiando. Os ânimos estão se incendiando. Entre a introdução e a conclusão do artigo, a realidade já mudou. Multidões começam a se mover, ameaçam ocupar as ruas em plena pandemia. O vírus não pode ser pior do que séculos de genocídio. Contudo, o vírus, assim como a polícia, mata mais a população negra e indígena. Desejamos a insurgência, desejamos organizar nossa raiva, mas de que maneira? É difícil filosofar em tempo real. Talvez, o que uma/um filósofa/o latino-americana possa fazer agora é ajudar a criar ou espalhar incêndios.

Referências

- ASSANGE, Julian et al. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CADAHIA, Luciana y CANO, Germán. “El blackout de la crítica”, *Instituto de Estudios Culturales y Cambio Social*, Abril de 2020. Disponível em: <<https://www.ieccs.es/category/lecturas/articulos/page/3/>> Acesso em: 27/05/2020.
- COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição agora*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- HARAWAY, Donna. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: TADEU, T. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1, 2014.

_____. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1, 2018.

_____. *Pornotopia: arquitectura y sexualidad en Playboy durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama, 2010.

_____. “Aprendiendo del vírus”, *El País*, 28 de Março de 2020. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952_026489.html> Acesso em: 25/05/2020.

_____. “Nous étions sur le point de faire la révolution féministe... et puis le vírus est arrivé”, *Bulb#2*, 26 de Abril de 2020. Disponível em: <<https://bulb.liberation.fr/edition/numero-2/nous-etions-sur-le-point-de-faire-la-revolution-feministe/>> Acesso em: 25/05/2020.